



Crítérios de noticiabilidade na cobertura de temas humanitários: Care Internacional e a metáfora do sofrimento em silêncio

*Kamila Lovizon*¹

Resumo Expandido: Uma das principais fontes de informação para se saber mais a fundo sobre a realidade das populações que demandam ajuda e assistência humanitária são os portais das organizações humanitárias atuantes nesses cenários. Pouco presentes nos veículos da chamada grande imprensa, as questões humanitárias geralmente dependem de acontecimentos mais factuais e proeminentes para que se tornem notícia. Isso inibe uma cobertura mais continuada, atenta ao que Victor (2018) chama de ciclo de vida das guerras, conflitos armados, desastres e outras emergências humanitárias que, todos os anos, vitimam milhões de pessoas em todo o mundo. Contudo, a cobertura baseada no imediatismo torna o pós-factual invisível aos olhos da sociedade, dos políticos e dos formuladores de públicas voltadas à garantia dos direitos humanos e civis das vítimas dessas tragédias sociais. Fazendo com que nem sempre a opinião pública tenha conhecimento do que ocorre em crises humanitárias. Tragédias e outros acontecimentos que geram brandura em massa, porém de forma mais apelativas, quando o noticiário cotidiano relata a luta das vítimas desses eventos por um recomeço e espaço na sociedade. O que faz as vítimas das crises humanitárias não apenas invisibilizadas, mas também, a cair naquilo que Bauman (2016) chama de “véu da normalidade”, deixando, portanto, de chamar a atenção da mídia e da opinião pública. Nos últimos anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem feito referência à atual crise humanitária como a maior e mais complexa já enfrentada pela instituição desde o final da Segunda Guerra Mundial. E foi durante a Primeira Cúpula Mundial Humanitária, em 2016, na Turquia, que a ONU passou a reforçar ainda mais essa mensagem, tentando fazê-la alcançar e sensibilizar a sociedade e as lideranças políticas mundiais. O que levou a instituição a conceituar a crise humanitária como um evento ou uma série de eventos que

¹ Jornalista com atuação em questões humanitárias. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob orientação da Professora Dra. Cilene Victor, e membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Bolsista CAPES. E-mail: lovizonkamila@gmail.com





representam uma ameaça crítica à saúde, segurança, proteção e ao bem-estar de uma comunidade ou de outro grande grupo de pessoas, geralmente em uma área ampla, que pode envolver conflitos armados, epidemias, fome, desastres naturais e outras grandes emergências, ou seja, a emergência humanitária é uma crise em grande escala que destrói as vidas de pessoas e sobrecarrega sua capacidade de lidar com o problema (ONU, 2018). Dificuldades humanitárias que são agrupadas em três categorias: desastres naturais, como terremotos, furacões e estiagens prolongadas; desastres causados pelo homem, exemplo das guerras e conflitos; e emergências complexas, quando os efeitos de uma série de eventos ou fatores impedem que pessoas tenham acesso às suas necessidades básicas, o que inclui o acesso à água, comida, abrigo, segurança e cuidados de saúde. Nesse campo de apoio a pessoas em emergência humanitária, a CARE Internacional é uma líder global dedicado a salvar e preservar vidas, além de objetivos políticos, comerciais, militares, étnicos ou religiosos. Promovendo a proteção do espaço humanitário oferecendo assistência com base na necessidade das pessoas, independentemente de raça, credo ou nacionalidade, pautada em um conjunto de princípios que visam a reabilitação e o desenvolvimento de longo prazo. Princípios que estão alinhados com os de outras agências humanitárias, para realizar trabalhos em parcerias, transparência, discriminação de endereços, resolução não violenta de conflitos e busca de resultados sustentáveis. Um trabalho colaborativo que segundo a CARE, necessita da atuação jornalística, para evitar que diferentes tipos de desastres e conflitos repetidamente continuem sendo ignorados pela mídia ano após ano, como aponta relatório de 2018. Uma vez que a mídia pode lançar luz em temas ignorados, e assim, trazer soluções, desde ações simples a tentativas criativas para crises esquecidas e transformar as situações de sofrimento de milhões de pessoas, que nos últimos anos enfrentaram diferentes crises – em diferentes continentes – como: conflito armado e fora do radar (distância), violência, desnutrição, epidemias e desastres, fome, seca, repressão e fora do radar (distância), conflito político, perseguição e violência e instabilidade, fome, seca e mudanças climáticas, conflitos, secas e enchentes (13 anos de guerra), conflito armado, fome, seca, enchente e deslocamento, fome, sem comida, opressão e portas trancadas (CARE International,



2016/2019). Dessa forma, o estudo busca identificar em que medida a prática do jornalismo humanitário pode romper com os critérios de noticiabilidade adotados pelo jornalismo internacional. Para alcançar esse objetivo, a partir de Flores (1994), Calado e Ferreira (2004) adota-se a metodologia da análise documental de edições anuais do relatório *Suffering in Silence*, da Care Internacional. O aporte teórico no jornalismo humanitário está balizado em Victor, Scott, Mel, Wright (2018) e Sanches (2020) e as teorias do jornalismo, valorização da notícia, em Traquina (2005) Wolf (1995). Os resultados parciais, deste estudo de mestrado, que tem como fio condutor uma das frases do livro baseado no "O Diário de Anne Frank"(1929-1945), da jovem judia vítima dos nazistas, "Como é extraordinário ninguém precisar esperar um momento específico para melhorar o mundo", somada à experiência de campo desta pesquisadora na prática do jornalismo humanitário, em situações inimagináveis no continente africano, estigmatizado pela normalidade de sua realidade, foi o que impulsionou o desenvolvimento deste trabalho. Apontam que a prática do jornalismo humanitário pode contribuir para retirar as crises humanitárias da invisibilidade ou opacidade midiática, uma vez que consegue romper com os critérios da cobertura factual dessas crises. Da mesma forma que levanta outro questionamento, a invisibilidade das perdas humanas e dos danos materiais causados por tragédias, sobretudo as que acometem um número menor de pessoas, está evidenciado nos relatórios *Suffering in Silence*, produzidos pela CARE Internacional, sobre as crises humanitárias mais subestimadas pela imprensa a cada ano. Se as crises humanitárias que acometem um grande número de pessoas são invisíveis para a imprensa, com seus critérios de noticiabilidade, o que dizer dos desastres cotidianos que não se encaixam nesses critérios?

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Ezio Mauro. **Babel**. Entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.





- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CALADO, Silvia dos Santos; FERREIRA, Silvia Cristina dos Reis. **Análise de documentos**: método de recolha e análise de dados. 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>
- CARE. care-international.org. “**Suffering in Silence**”: New CARE report highlights top 10 crises that received little to no media attention in 2019, 2020. Disponível em: Acesso em: 3 maio 2020.
- FLORES, J. **Análisis de datos cualitativos Aplicaciones a la investigación educativa**. Barcelona PPU, 1994.
- GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva – política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2012
- Médicos sem Fronteiras. 2016. **Crises humanitárias e o Papel democrático do Brasil**. https://www.msf.org.br/publicacoes/livro_crisis_humanitarias_e_o_papel_brasil.pdf. Acesso em: 08 maio 2020.
- OCHA, Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários. **Dez crises para recordar enquanto o mundo luta com o COVID-19**. Disponível em: Acesso em: 03 Maio. 2020.
- SCOTT, Martin. **What makes news humanitarian?** The dilemmas of reporting on suffering. In: Public Media Alliance. Maio de 2017. Disponível em: <https://www.publicmediaalliance.org/what-makes-news-humanitarian/>>. Acesso em: 10 maio 2020.
- SCOTT, Martin; BUNCE, Mel; WRIGHT, Kate. **The state of Humanitarian Journalism**. Norwich, England: University of East Anglia. 2018. Disponível em: Acesso em: 16 mai. 2020.
- SANCHES, Lilian. **A cobertura de ataques terroristas na sociedade em rede: Os atos em Mogadíscio e Paris na perspectiva de cinco veículos jornalísticos**. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2019.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Volume 1: Porque as notícias são como são. Insular: Florianópolis, 2005. UNOCHA, Global Humanitarian Overview: 31 July 2020. https://www.unocha.org/sites/unocha/files/GHO_Monthly_Update_31JUL2020.pdf Acesso em: 03 Outubro 2020.
- VICTOR, Cilene; SANCHES, Lilian. **Crise Humanitária e os Deslocamentos Internos por Conflitos e Desastres sob a Lentes do Jornalismo Humanitário e de Paz**. In: Prometeus – Journal of Philosophy. v. 12, n. 34, Sep-dec, 2020, p. 225-245
- VICTOR, Cilene. 2018. **A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob perspectiva do jornalismo humanitário**. Folios, revista de la Facultad de Comunicaciones en la Universidad de Antioquia, Medellín, 2018.
- VICTOR, C. GUERRA, W. **Crise humanitária: entre a invisibilidade e a cacofonia digital**. In: SANTAELLA, L. Cacofonia nas redes. São Paulo: Educ, 2018, p. 97-116
- VICTOR, Cilene. 2016. **Crise humanitária e os refugiados da guerra e do clima: dos protocolos internacionais**. Líbero – São Paulo. <http://201.33.98.90/index.php/libero/article/view/285>>. Acesso em: 03 Maio, 2020.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

